

O Bronze Final nos “Barros de Beja” Novas perspectivas de investigação

Miguel Serra¹, Eduardo Porfírio¹

RESUMO

No âmbito do projecto de investigação “A transição Bronze Final / I^a Idade do Ferro no Sul de Portugal: o caso do Outeiro do Circo”, têm vindo a ser realizadas escavações no emblemático povoado fortificado do Outeiro do Circo, que possibilitam o estabelecimento de novas considerações sobre o povoamento de altura durante o Bronze Final. Estas intervenções, centradas numa zona de talude na parte Sudoeste do povoado, têm permitido documentar um sistema defensivo que conjuga arquitecturas de terra e de pedra num possível complexo de rampas de função ainda não totalmente esclarecida.

As informações obtidas no terreno, têm sido conjugadas com a realização de trabalhos de fotointerpretação, encarados como um auxiliar precioso para conhecer os limites e a morfologia das muralhas do Outeiro do Circo no conjunto dos seus 17 ha. Assim,

tem sido possível definir de forma mais precisa o prolongamento de troços duplamente muralhados e uma área de entrada defendida com dois bastiões anexos à muralha.

Para além da ocupação no Outeiro do Circo, assiste-se actualmente a um grande incremento de dados sobre o II^º milénio num vasto território envolvente, possibilitado por intervenções de emergência associadas a grandes projectos públicos como o Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva. Surgiram grandes novidades relacionadas com a ocupação de planície, revelando uma intensa ocupação do território através de estratégias complexas, materializadas nos povoados abertos de fossas. As novas perspectivas de investigação que este conjunto de informações possibilita, lança-nos o desafio de procurar compreender as estratégias de povoamento ao longo da Idade do Bronze nesta região.

ABSTRACT:

Archaeological excavations have been carried out on the emblematic fortified settlement of Outeiro do Circo in the scope of the research project “A transição Bronze Final / I^a Idade do Ferro no Sul de Portugal: o caso do

Outeiro do Circo”, allowing new considerations about high settlement during the Late Bronze Age.

These interventions, centred on an area of banks in the sw of the settlement revealed a defensive system that

1 - Projecto Outeiro do Circo. Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda. Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto. Mail: miguelserra@palimpsesto.pt / eduardoporfirio@palimpsesto.pt

consorts both earth and stone architectures in a possible complex of ramps of unclear function at the moment.

The information gathered in the field have been complemented by photo-interpretation work, seen as a precious help to understand the limits and morphology of the walls of Outeiro do Circo in its 17 ha. Thus, it has been possible to define more precisely the elongation of doubly walled parts and an entrance area defended/protected with two bastions annexed to the wall.

Besides the occupation in Outeiro do Circo, there is actually an increase of data from the 2nd millennium in a large surrounding territory, made possible by emergency/salvage interventions associated with big public projects

as the Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva.

Recent finds related to the occupation of the plain have appear, revealing an intensive occupation of the territory through complex strategies of settlement such as open settlements with ditches.

The new research perspectives that these informations allow, challenges us to try to understand settlement strategies throughout the Bronze Age in this region.

Palavras-chave: Idade do Bronze; Muralhas; Território; Povoados Abertos

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objectivo fundamental proceder a uma tentativa de análise da evolução dos

sistemas de povoamento na zona Ocidental dos “Barros Negros” de Beja entre o II e o I milénio a.C. (Fig. 1)

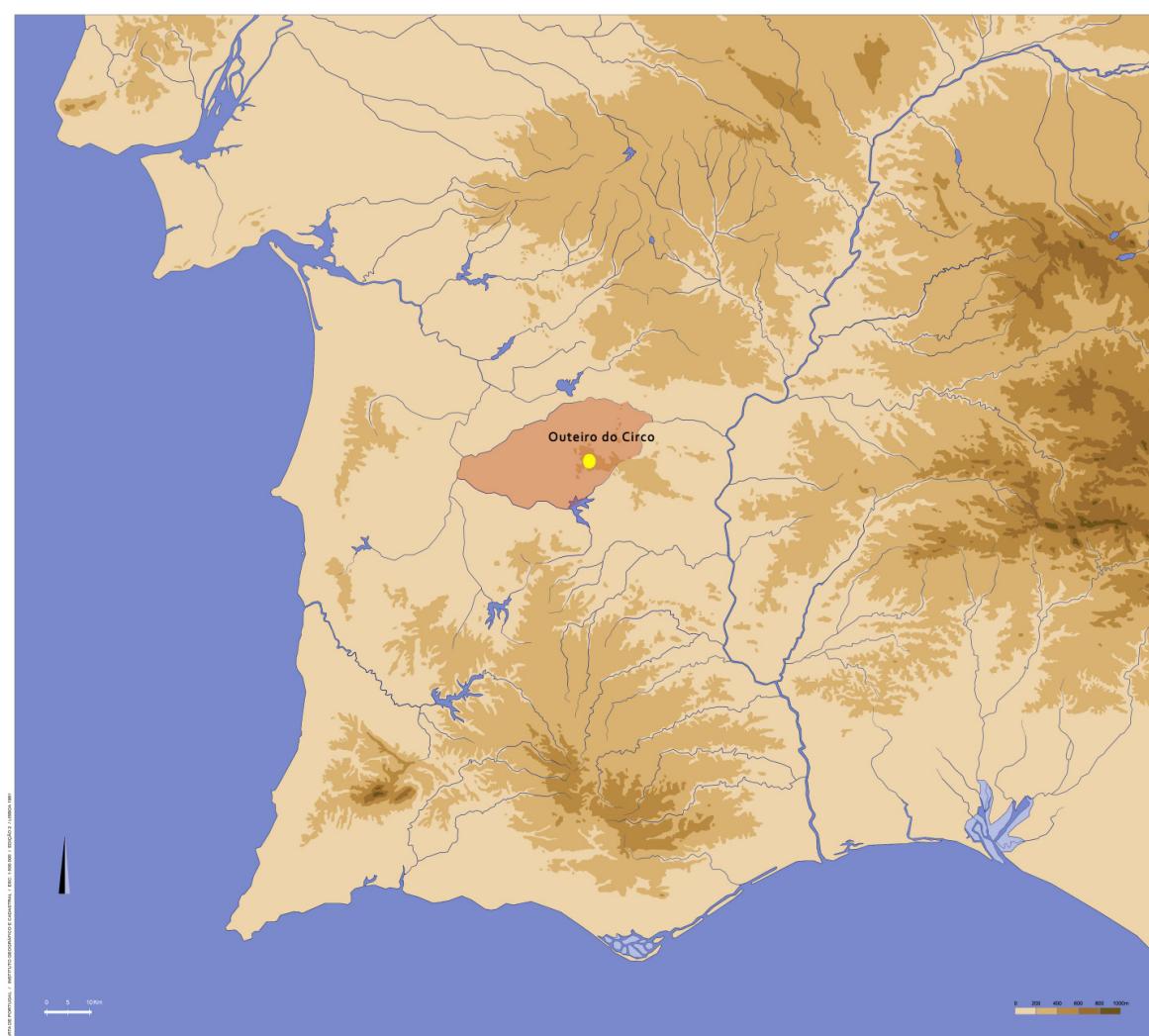


Fig. 1 – Área de análise e localização do Outeiro do Circo

Este trabalho baseia-se nos resultados obtidos no projecto “A transição do Bronze Final/Ferro Inicial no Sul de Portugal – o caso do Outeiro do Circo”, integrado no Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos (2008-2011) e que conta com o financiamento da Câmara Municipal de Beja, da empresa Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda. e o apoio da Junta de Freguesia de Mombeja.

Os trabalhos desenvolvidos no Outeiro do Circo (Mombeja/Beringel, Beja) têm, ao longo de três campanhas executadas nos últimos anos (2008, 2009, 2010)², incidido sobre um troço de muralha localizado no sector Sudoeste da cortina defensiva, contemplando também a realização de prospecções intensivas no interior e envolvente directa do povoado.

Este projecto assegura a continuidade da revisão de conhecimentos, sobre este importante arqueosítio, encetada pelos autores no âmbito de um projecto anterior, o qual não obteve financiamentos que possibilitassem uma actuação mais directa sobre o terreno. No entanto foi possível recorrer a metodologias não intrusivas, como a prospecção dirigida e a fotointerpretação, permitindo

algumas novidades importantes (Serra *et al.*, 2008) sobretudo relacionadas com a reinterpretação da planta do sistema defensivo dada a conhecer nos anos 70 e 80 do século anterior (Parreira, 1977; Parreira e Soares, 1981).

Em simultâneo, procura-se integrar as diversas novidades surgidas nos últimos cinco/seis anos no território envolvente do povoado através da “arqueologia comercial” e que permitem documentar uma intensa ocupação ao longo de toda a Idade do Bronze, materializada sobretudo em dezenas de povoados abertos de planície, até então desconhecidos, mas já prenunciados pela existência de diversas necrópoles de cistas do Bronze Médio.

Esta tentativa de sistematização da informação relacionada com a ocupação da Idade do Bronze nesta região já foi alvo de trabalho anterior da responsabilidade dos signatários (Serra e Porfírio, no prelo), no entanto, o rápido progresso dos trabalhos de arqueologia de emergência e a enorme quantidade de novos sítios detectados, justificam a elaboração de uma nova análise.

LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO GEOGRÁFICO

O povoado fortificado do Bronze Final do Outeiro do Circo localiza-se no Baixo Alentejo, pertencendo administrativamente ao distrito e concelho de Beja. É repartido pelas freguesias de Mombeja e Beringel, situando-se no seu limite Oeste onde confina com o concelho de Ferreira do Alentejo.

Segundo a Carta Militar de Portugal, esc. 1:25000, folha 521, encontra-se nas seguintes coordenadas geográficas tiradas a partir de um ponto central no povoado: latitude – 38° 02' 20'' N; longitude – 08° 00' 30'' W (Greenwich).

O acesso faz-se através da estrada que liga Beringel

a Mombeja (Estrada Municipal 529), onde sensivelmente a meio caminho se pode observar um pequeno atalho de terra batida junto do Monte do Circo. No entanto, o caminho apenas dá serventia ao monte, não seguindo até ao topo, pelo que o restante percurso deve ser efectuado a pé.

O povoado desenvolve-se num cabeço alongado de baixa altitude, mas com amplo domínio visual para a vasta peneplanície do Baixo Alentejo, encontrando-se rodeado pelos relevos suaves e ondulantes que a caracterizam (Fig. 2).

2 - Agradecemos a participação e contributo dos diversos colaboradores e voluntários das mais diversas áreas, quer nos trabalhos de campo, quer em gabinete: Ana Osório, Rafael Ortiz, Sofia Silva, Pedro Reina, Diana Fernandes, Michelle Santos, Fábio Capela, Ana Fernandes, Isabel Casado, Pedro Almeida, Carla Ladeira, Maria Luz Flores, Catarina Alves, Márcia Diogo, João Nunes, Edgar Lopes, Carolina Silva, Miguel Correia, José Malveiro, Nuno Mamede, Pedro Fortes, Filipe Cunha, Vera Krisher, Joel Rodrigues, Luís Costa, Pedro Costa, Ana Tavares, Vera Leal, Ana Catarina, Francisco Madeira Lopes e Valdemar Canhão.



Fig. 2 – Outeiro do Circo (vista Sudeste – Noroeste)

Possui uma área mais elevada de formato cónico (276 m) e uma vasta plataforma com cotas mais reduzidas (254 m). Contudo, o seu perfil é facilmente reconhecível em praticamente todas as direcções, apesar de ser mais difícil a sua identificação quando observado no sentido Sul – Norte, encontrando-se dissimulado por outros relevos como o Moinho do Mira (276 m), Cabeço do Outeiro (212 m), Cerro do Penedo Furado (241 m), Cerro do Monte Arrais (223 m) ou o muito próximo Cabeço da Serpe (258 m), que formam uma pequena barreira que limita o seu domínio visual para Norte.

Assume uma posição central no vasto *hinterland* que medeia entre as bacias hidrográficas dos dois grandes rios do Sul, o Guadiana e o Sado. Na região onde se insere, cruzam-se as áreas de influência destes dois rios, pois algumas das suas ribeiras subsidiárias mais importantes têm aqui nascente, como as Ribeiras da Figueira e do Roxo que correm para o Sado a Oeste ou as Ribeiras de Cardeira e de Odearce que correm em direcção ao Guadiana a Este. As duas ribeiras que integram a bacia hidrográfica do Sado servem de referente à delimitação da área de análise deste trabalho como se justificará mais adiante.

O sítio integra-se na orla Ocidental do sistema aquífero dos Gabros de Beja, rodeado pelos famosos “Barros Negros”, solos espessos e argilosos de cor escura, com elevada elasticidade e rijeza que possuem enorme potencial agrícola (Cardoso, 1965; Duque, 2005:

66) e que seguramente terão constituído um importante factor de fixação das comunidades humanas ao longo de vários períodos.

O substrato geológico é maioritariamente composto por uma rocha branda designada como “caliços” indicadora de zonas carbonatadas e presente sobretudo nas zonas baixas (Duque, 2005: 69).

As características da cobertura vegetal podem ser consideradas mistas, na medida em que conjugam áreas de cultivo de cereal nas zonas planas com matas de esteva e o típico montado de sobreiro e azinheira nas poucas zonas serranas, permitindo a manutenção de um sistema agro-silvo-pastoril de sucesso (Lautensach, 1967: 577-588; Silbert, 1978: 80-91; Ribeiro e Lautensach, 1998: 947). Esta situação é facilmente reconhecível no interior do povoado que se encontra dividido em várias couruelas pertencentes a diferentes proprietários, o que se reflecte nos diversos cultivos aí praticados. Para além da cultura cerealífera, também se observam terrenos em pousio com manto vegetal pouco denso com excepção da linha de muralhas, fortemente arborizada onde se vislumbram sobretudo azinheiras e arbustos com predominio da esteva.

Em relação aos recursos mineiros da região, há que referir a extração de cobre na Mina da Juliana (Santa Vitória, Beja) (Domergue, 1987: 503; Domergue, 1990: 114), a escassos 15 quilómetros a Sul do Outeiro do Circo, o que levou a que vários autores associassem a

exploração deste recurso, durante a Idade do Bronze, ao desenvolvimento atingido por estas comunidades (Parreira, 1995: 132; Gomes, 1995: 135).

Todavia, não são conhecidas provas directas da sua

exploração atribuíveis à Idade do Bronze, para além dos materiais encontrados no interior desta mina (Veiga, 1891: 210-211).

ANTECEDENTES

Os primeiros “investigadores” de qualquer região são por excelência os seus próprios habitantes, conhecedores como ninguém de todos os seus recantos, ruínas e “estórias”. A tradição oral consegue transmitir fragmentos milenares do nosso passado, sendo por isso um dos elementos cruciais na abordagem a qualquer período ou local.

Serve esta introdução para valorizar o papel de alguns pioneiros da arqueologia portuguesa, como Pedro de Azevedo, que procuraram em primeiro lugar os registos escritos de lendas e estórias de diversos locais, que transmitissem informações preciosas sobre o seu passado. Foi assim, que através da recolha de informações de carácter arqueológico nas “Memórias Parochiaes de 1758”, Pedro de Azevedo registou as primeiras notícias relacionadas com o Outeiro do Circo, mais precisamente com as lendas relativas às suas ruínas, que o relacionavam ora com uma fortificação dos mouros abandonada durante a sua retirada, ora com o mito fundador de Beja, que teria tido neste local uma primeira tentativa de edificação, sendo posteriormente abandonado em detrimento da colina onde hoje se situa a cidade, mas deixando vestígios desse episódio na toponímia, transmitindo o seu nome à actual aldeia de Mombeja, que derivaria de Montes de Beja (Azevedo, 1896: 307; Azevedo, 1897: 220; Azevedo, 1900: 299).

Na mesma altura, sucediam-se as “visitas arqueológicas” de José Leite de Vasconcellos, a várias zonas do país, que na tentativa de enriquecer a coleção do Museu de Etnologia de Lisboa, adquiria materiais arqueológicos de diversas proveniências, registandometiculosamente a aquisição de cada “antigualha”, relacionando-a com o local e com a sua história.

É desses pérriplos, que nos chegam as primeiras menções da existência de vestígios da Idade do Bronze na região de Mombeja, Trigaches e Santa Vitória.

Os elementos registados por José Leite de Vasconcellos, reportam-se à existência de sepulturas perto da aldeia de Trigaches, de onde provinham “tampas insculturadas”, sobretudo com representações de armas, que podiam ser integradas na Idade do Bronze (Vasconcellos, 1906: 182-183). Do mesmo texto chegam-nos outras notícias relacionadas com o aparecimento de novas “tampas sepulcrais” na aldeia de Mombeja (provenientes do sítio das Alcarias), sendo adquiridas para o Museu Etnológico as três peças detectadas, apesar de uma se ter perdido no processo de transferência para Lisboa (Vasconcellos, 1906: 184, 185). Também em Santa Vitória, uma outra “tampa insculturada” foi detectada e adquirida (Vasconcellos, 1906: 182).

Nas décadas seguintes, manteve-se o interesse de José Leite de Vasconcellos por esta região, documentando outros achados que integra na Idade do Bronze, como por exemplo os três espetas de bronze de Beja³, de proveniência incerta (Vasconcellos, 1920; Viana, 1958: 43; Gamito, 1986: 27) ou os dois punhais e o punção de Ervidel (Vasconcellos, 1927/29: 202), provavelmente provenientes de uma sepultura.

Desde estes primeiros passos na investigação arqueológica desta região, que se começou a definir uma zona geográfica, a área ocidental de Beja, de grande riqueza em relação a achados da Idade do Bronze, e que veria aumentar o número de achados em meados do século XX.

O capítulo seguinte na história da investigação da região seria escrito a partir da década de 40 do século XX, por alguns dos principais vultos da arqueologia do Baixo Alentejo, como Abel Viana ou Fernando Nunes Ribeiro.

Novos dados relativos a este período, surgem através da descoberta de vários instrumentos metálicos como a ponta de seta e a ponta de

3 - Na realidade são peças atribuíveis à 1ª Idade do Ferro (GAMITO, 1986: 29)

lança⁴ de Santa Vitória, o machado plano da Herdade da Zambujeira (Ferreira do Alentejo) ou um conjunto constituído por uma ponta de lança⁵ e três machados planos, de proveniência desconhecida, mas que o investigador considera poderem provir da região de Santa Vitória, Ervidel, Mombeja, Beringel e Trigaches, por terem dado entrada no Museu Regional de Beja juntamente com peças dessa região e pela semelhança entre estas e outras já aí encontradas (Viana, 1944: 163, 164; Bottaini et al., 2012).

Um importante passo é dado no final dos anos 40 quando Abel Viana efectua a primeira escavação de uma necrópole da Idade do Bronze, através do estudo das cistas do Monte do Ulmo, localizadas na zona de Santa Vitória (Viana, 1947: 10; Viana e Ribeiro, 1956: 158), isto apesar de alguns anos antes, já ter noticiado a identificação das sepulturas das Alcarias/Alcaria (Viana, 1945: 330; Ribeiro, 1965: Est. XVI.4).

Sucedem-se as descobertas durante os anos 50, com as escavações de outras necrópoles, como a Corte d'Azinha/Corte da Azenha (Viana, 1954: 19; Viana e Ribeiro, 1956: 155) e Mós (Viana e Ribeiro, 1956: 157; Ribeiro, 1965: Est. XV.2) na zona de Santa Vitória ou a descoberta das estelas da Pedreirinha (Viana e Ribeiro, 1956: 161) e do Assento (Viana e Ribeiro, 1956: 163), na mesma freguesia.

Apesar de Abel Viana ter dado maior importância aos achados relacionados com os contextos sepulcrais da Idade do Bronze, é de referir uma breve passagem onde menciona o "...núcleo castrejo do Outeiro do Circo..." (Viana, 1949: 153), sem lhe dedicar mais atenção em trabalhos posteriores.

Após o desaparecimento de Abel Viana, é o seu parceiro de investigações de longo tempo, Fernando Nunes Ribeiro que mantém vivo o interesse pela Idade do Bronze da região, contribuindo através de vários trabalhos para a individualizar da esfera argárica, contrariando o que até aí tinha sido a tónica dominante do discurso científico (Ribeiro, 1965).

Uma nova necrópole na região de Santa Vitória é por si intervencionada no Monte do Outeiro (Ribeiro, 1959) e posteriormente realiza trabalhos noutras necrópoles entretanto descobertas, como Cata, junto à aldeia de Penedo Gordo e Lobeira de Baixo, ambas na freguesia de Santiago Maior (Paço et al., 1965: 149, 150), ou em

Medarra/Ervidel 1, no concelho de Aljustrel (Ribeiro, 1966/67: 385).

O profundo conhecimento da realidade estudada na região pacense e das investigações conduzidas noutras regiões do Sul de Espanha e sobretudo na zona de El Argar (Almeria), dão-lhe as bases para definir o que designa de "Cultura do Bronze Meridional Português", referindo-se-lhe como uma entidade própria com afinidades com a Cultura Argárica (Ribeiro, 1965: 13), dando seguimento a uma tentativa de autonomização cultural já encetada por outros investigadores (Tarradel, 1955; Blance, 1964).

Contudo, será apenas na década de 70 que essa tentativa ganha uma expressão mais sólida, graças ao trabalho de análise que Hermanfrid Schubart realiza sobre os contextos sepulcrais já conhecidos, estabelecendo uma verdadeira tipologia evolutiva, com base em critérios de ausência/presença, sobretudo dos elementos metálicos, que permitem dotar esta entidade regional de uma individualidade própria, reunida sobre a designação de "Bronze do Sudoeste", com as suas diferentes fases (Schubart, 1975a; Schubart, 1975b).

Entre o final dos anos 70 e os meados dos anos 80, assiste-se ao incremento do interesse pelos estudos sobre povoamento nesta região e surgem os primeiros trabalhos dedicados ao povoado do Outeiro do Circo (Parreira, 1977; Parreira e Soares, 1980).

Em simultâneo com o interesse pelo papel desempenhado pelo Outeiro do Circo na organização e hierarquização deste território, também se destacam outras novidades, como a detecção de mais algumas necrópoles como Monte dos Carriços, em Santa Vitória (Parreira e Soares, 1980: 111, fig. 2), Monte da Zambujeira/Herdade da Zambujeira/Zambujeira 1, em Peroguarda (Parreira, 1982: 7), Zambujeira 4, na mesma freguesia (Parreira e Soares, 1980: 111, fig 2; Parreira, 1982: 8-10), Base Aérea de Beja, em São Brissos (Parreira, 1982: 7) e Canal do Roxo/Cariolinha em Ervidel (Silva e Pinto, s/d).

Na mesma época, foram também efectuadas algumas intervenções noutras necrópoles, como Monte do Pomar/Herdade do Pomar/Ervidel 2 (Gomes e Monteiro, 1977: 168-172; Gomes e Monteiro, 1977/78: 26) e Ervidel 3 (Arnaud, 1992).

4 - Trata-se de um punhal

5 - Também neste caso se trata de um punhal

Associado a este incremento de trabalhos na região, surgem também novas estelas como as da Herdade do Pomar, conhecidas como Ervidel 1 (Coelho, 1975: 195-197; Gomes e Monteiro, 1976/77: 305-310) e Ervidel 2 (Gomes e Monteiro, 1976/77: 297-304; 1977: 174-178).

No entanto, somente nos inícios do século XX tem início um projecto de investigação, especificamente dirigido para o estudo do povoamento da Idade do

Bronze e mais concretamente do povoado do Outeiro do Circo.

Os trabalhos deste projecto incidiram sobretudo na realização de prospecções de superfície que permitiram uma caracterização mais pormenorizada dos taludes da muralha (Serra et al. 2008).

Nesta primeira fase da investigação do sítio assumiram especial importância os trabalhos de



fotointerpretation, que permitiram realizar a correção de algumas informações anteriores e acrescentar novas e importantes contribuições, nomeadamente na configuração da planta do Outeiro do Circo e da respectiva caracterização do sistema defensivo (Serra e Porfirio, no prelo; Rodero Olivares, 2005) (Fig. 3).

Fig. 3 – Fotografia aérea e planta interpretativa

Os trabalhos de arqueologia preventiva têm claramente marcado o ritmo da arqueologia desta zona na actualidade, permitindo uma intervenção muito alargada no território, apesar de muito fraccionária em relação ao vasto número de sítios escavados.

No entanto, algumas novas perspectivas de investigação têm sido proporcionadas pela identificação de realidades até agora desconhecidas, como os povoados abertos de fossas (Antunes et al., 2012; Porfirio e Serra, no prelo; Baptista, 2010), que têm surgido em número considerável, autorizando mesmo a

falar de uma ocupação intensiva do território durante a Idade do Bronze, apesar de ainda ser necessário um estudo mais aprofundado destes contextos, de forma a aferir com maior precisão as suas cronologias e fases de ocupação.

Por fim, há ainda que fazer menção a alguns achados casuísticos, como a estela de Monte de Abaixo (São Brissos) (Gomes, 2006) ou a estela inédita do Monte da Carniceira (São João de Negrilhos, Aljustrel)⁶.

O PROJECTO

O Projecto de investigação “A transição Bronze Final / Idade do Ferro no Sul de Portugal. O caso do Outeiro do Circo”, em curso desde 2008, pretende contribuir para o conhecimento mais efectivo das fases de ocupação do

Outeiro do Circo e proceder à caracterização dos seus elementos, com especial destaque para o seu sistema defensivo.

A intervenção no terreno incide principalmente sobre

6 - Agradecemos a informação a Samuel Melro e Manuela de Deus (IGESPAR – Extensão de Castro Verde)

o elemento estrutural mais relevante em toda a área ocupada pelo povoado, ou seja, o talude da muralha. Para cumprir este objectivo foi escolhido um sector do talude aparentemente melhor conservado, preservado em cerca de 5 m de altura, onde se implantou uma sondagem com 48 m².

A escavação arqueológica em curso neste talude do sector Ocidental permitiu revelar a existência de um complexo sistema defensivo composto por três elementos principais: um muro superior, uma rampa de barro cozido e um muro de contenção (Fig. 4).



Fig. 4 – Sondagem 1. Sistema defensivo

Uma vez que os trabalhos de escavação nesta sondagem ainda não estão concluídos, só nos é possível apresentar uma descrição e análise sumária destes elementos, não sendo ainda evidente o modo como se articulam entre si.

Assim, o muro superior é composto por dois alinhamentos paralelos de blocos gabro-dioríticos de média dimensão, sendo o espaço interior entre ambos, preenchido com pedra miúda (Fig. 5).



Fig. 5 – Sondagem 1. Muro superior.

A rampa ocupa todo o espaço entre o muro superior e o muro de contenção num comprimento de cerca de 8 m e em toda a largura da sondagem (4 m), acompanhando a pendente natural do terreno. É composta por uma massa compacta de blocos de barro cozido e terras

argilosas carbonizadas (Fig. 6). A sua função poderá ter-se prendido com a necessidade de consolidar as terras da encosta devido à sua elevada plasticidade, conferindo simultaneamente robustez à base do próprio muro superior (Osório, *et al.* no prelo).



Fig. 6 – Sondagem 1. Rampa de barro.

Por fim, a estrutura interpretada como muro de contenção a esta rampa, localiza-se na zona baixa do talude e é composta por um alinhamento irregular de pedras de várias dimensões onde a rampa de barro cozido encosta (Fig. 7).

Um factor a ter em conta na continuidade da escavação desta estrutura, prende-se com o facto de esta ter sido construída sobre um fosso pré existente,

não sendo ainda possível confirmar se este poderia corresponder a um primitivo sistema defensivo ou canal de condução de águas que teria sido desactivado aquando do empreendimento mais complexo que lhe sucedeu, ou se por outro lado o fosso poderá fazer parte da estratégia construtiva do sistema defensivo, de modo a servir de alicerce ao muro de contenção.



Fig. 7 – Sondagem 1.
Estrutura de contenção e fosso.

Os objectivos iniciais contemplavam ainda a intervenção numa área considerada como uma entrada principal após a interpretação dos dados fornecidos pelas fotografias aéreas (Serra e Porfírio, no prelo), que não conheceu avanços devido a limitações relacionadas com os apoios concedidos ao projecto.

No entanto, foi possível realizar uma pequena intervenção noutro sector do povoado durante a última campanha, no Verão de 2010. Foi assim escavada uma

pequena sondagem de 2 x 2 m na vertente Sudeste e localizada no interior do recinto, para avaliar o estado de preservação de eventuais estruturas e o impacto que os trabalhos agrícolas possam ter sobre elas, bem como observar a componente estratigráfica numa zona composta por terrenos algo diferentes dos observados no restante povoado e que são constituídos essencialmente por uma vasta mancha de terras negras onde se regista uma elevada frequência de cerâmica de maior qualidade

com superfícies brunidas e formas variadas.

Os trabalhos aí efectuados permitiram observar a presença de uma única camada de barros negros com cerca de 1 m de profundidade, sem que se detectassem quaisquer indícios relativos à presença de estruturas. Confirma-se assim, que os trabalhos agrícolas mecanizados nesta zona não causam afectação maior aos vestígios arqueológicos que se encontrarão devidamente protegidos a maior profundidade, revelando a enorme sedimentação ocorrida no interior do povoado.

Paralelamente foram realizadas prospecções por toda a área interior do povoado, uma vez que esta é anualmente alvo de trabalhos agrícolas, que ao revolverem o solo, provocam o reaparecimento de alguns elementos que durante alguns ficaram completamente cobertos pelo manto vegetal e pela acumulação pétria, como é o caso da redescoberta do afloramento gravado com “covinhas” durante a última campanha (Fig. 8).

Fig. 8 – Rocha com “covinhas” no sector Sudeste.

Em relação aos materiais exumados, cabe-nos fazer apenas uma síntese muito sumária, tendo em conta que o estudo da colecção ainda se encontra numa fase inicial.

Dentro dos materiais mais característicos do Bronze Final destacamos apenas alguns fragmentos de cerâmica decorada, que revela uma presença muito residual, mas que é composta por tipos decorativos muito variados, desde as cerâmicas brunidas, dentro das quais foi possível detectar vários fragmentos com ornatos brunidos (no interior e no exterior das peças), passando pelo único fragmento com aplicação prensada de pastas brancas e pelas decorações incisas com motivos pontilhados e geométricos. No conjunto de cerâmicas decoradas existem poucas formas claramente distintas, estando maioritariamente presentes as pequenas taças

carenadas entre as cerâmicas brunidas. Os restantes motivos decorativos surgem em bojos.

Dentro do espólio cerâmico não decorado destacamos a presença de tigelas hemisféricas, abertas e de formas simples, algumas taças carenadas e também alguns potes ou panelas de colo recto.

Uma análise ainda muito superficial do conjunto cerâmico exumado permite observar semelhanças com alguns dos tipos documentados noutros povoados fortificados do Sudoeste como o Castro de Ratinhos (Moura) ou o Passo Alto (Serpa) (Berrocal-Rangel e Silva, 2010; Soares, 2003), apontando-se uma cronologia de ocupação genericamente centrada entre o século XIII e IX a.C, com tendência para uma maior presença de materiais da última fase deste período, a aguardar confirmação através de estudo específico.



Para além do espólio cerâmico há que destacar a presença de elementos líticos, quer polidos, como os vários fragmentos de dormentes e moventes de mós manuais, quer lascados, como os elementos de foice denticulados e as várias lascas recolhidas.

O espólio metálico é o menos representado em toda a colecção, sendo formado por um pequeno conjunto

de três peças, que podemos classificar como um brinco ou pendente, uma argola e um anel. Para além destes, surgiram também alguns vestígios metalúrgicos (restos de fundição, entre os quais um provável cone de fundição), que permitem documentar a existência de uma metalurgia doméstica de pequena escala no interior da área do povoado.

O TERRITÓRIO

Para compreender a evolução das formas de povoamento ao longo da Idade do Bronze na região onde se insere o Outeiro do Circo, delimitou-se uma área de estudo com base em critérios geográficos e arqueológicos.

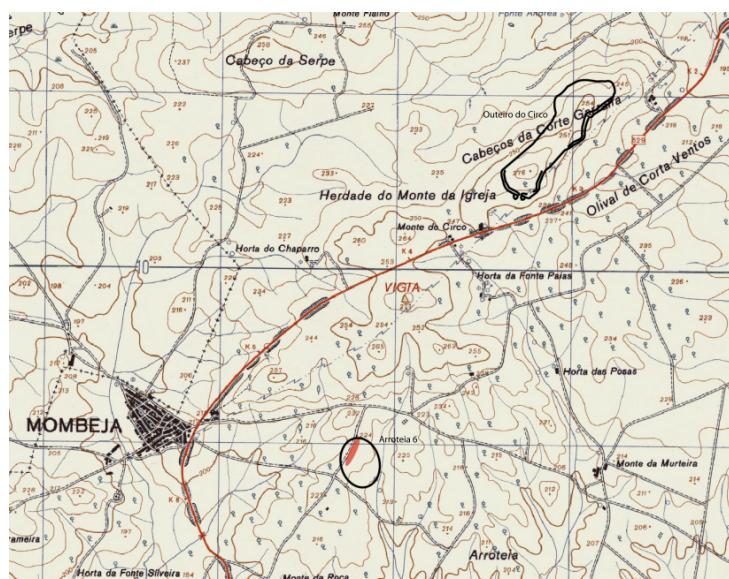
Definiu-se assim uma vasta região de características muito homogéneas, delineada pelas bacias hidrográficas dos cursos de água mais importantes aí existentes. A Norte a Ribeira da Figueira e a Sul a Ribeira do Roxo, incluindo alguns cursos de água de menor importância seus subsidiários (Fig. 1).

A área demarcada configura uma certa centralidade ao Outeiro do Circo e integra também diversas unidades culturais como o núcleo de necrópoles de cistas do Bronze Médio a Norte (Alcaria, Zambujeira 1, Zambujeira 4, Trigaches e Base Aérea de Beja), distribuídas ao longo das linhas de água subsidiárias da Ribeira da Figueira (Vasconcellos, 1906; Viana, 1945; Ribeiro, 1965; Schubart, 1974; Parreira e Soares, 1980 e Parreira, 1982) e um outro importante núcleo de necrópoles de cistas a Sul (Corte da Azenha, Mós, Ulmo, Cata, Monte do Outeiro, Lobeira de Baixo, Medarra ou Ervidel 1,

Herdade do Pomar ou Ervidel 2, Ervidel 3 e Monte dos Carriços) ao longo das Ribeiras do Roxo e da Chaminé, nas regiões de Santa Vitória e Ervidel (Viana, 1947; Viana 1954, Viana e Ribeiro, 1956, Ribeiro, 1959; Ribeiro, 1965; Paço e al., 1965; Ribeiro, 1966/7; Schubart, 1974; Gomes e Monteiro, 1977; Gomes e Monteiro 1977/8; Parreira e Soares, 1980, Arnaud, 1992).

Para além destes elementos já conhecidos da bibliografia arqueológica, existe actualmente um importante acréscimo de novos dados neste território procedentes na sua grande maioria de intervenções de “arqueologia comercial” no âmbito de grandes projectos públicos como o Empreendimento de Fins Múltiplos do Alqueva.

Assim, surgem-nos dezenas de novos sítios maioritariamente concentrados numa vasta área a Norte e Este do Outeiro do Circo, compostos sobretudo por povoados de fossas, abertos e localizados na planície, com ocupações de diversos períodos, mas com destaque para as fases que se integram no Bronze Médio, que constituem uma larga percentagem, e no Bronze Final, que pecam por alguma raridade e revelam alguma



antiguidade dentro deste último período (Antunes et al., 2012).

Deste conjunto de novos sítios merece especial interesse, no âmbito da nossa análise, o sítio de Arroteia 6 (Fig. 9), intervencionado pela empresa Palimpsesto, Lda., no âmbito de um projecto de abastecimento de água da responsabilidade da Empresa Municipal de Água e Saneamento de Beja (Porfírio e Serra, 2012).

Fig. 9 – Localização de Arroteia 6 e Outeiro do Circo na Carta Militar de Portugal 1:25000, folha 521.

Neste local foi detectada uma estrutura negativa e outros vestígios menos esclarecedores contendo materiais genericamente enquadráveis no Bronze Final.

A importância de Arroteia 6, para a presente análise, advém do facto de ser até ao momento o povoado aberto localizado a menor distância do Outeiro do Circo e de ser também o que apresenta maior proximidade cronológica.

Este sítio, apesar da escassez da área intervencionada, afigura-se-nos como mais um exemplar a integrar no vasto conjunto dos povoados de planície da Idade do Bronze.

Implanta-se sobre uma pequena plataforma

amesetada (cerca de 4 ha) de baixa altitude, rodeada por linhas de água secundárias e sobre férteis terrenos agrícolas. Encontra-se completamente exposto, sem aparentes necessidades defensivas e não se observam à superfície quaisquer elementos que permitam a sua identificação, que apenas foi possível após a detecção, em fase de obra, de uma fossa escavada no calçado brando da região, colmatada com sedimentos de coloração escura.

Após uma análise morfológica sumária da envolvente, é possível supor que a sua ocupação se estenda a toda a plataforma, tendo sido intervencionada somente uma área limítrofe do sítio (Fig. 10).



Fig. 10 – Fotografia aérea de Arroteia 6 com implantação das sondagens realizadas e possível mancha de ocupação.

A única evidência arqueológica segura era constituída por uma estrutura negativa, que terá tido uma utilização primária enquanto silo, mas só se torna

evidente a sua utilização final após amortização como lixeira ou fossa (Fig. 11).



Fig. 11 – Arroteia 6.
Sondagem 1. Fossa.

Nos sedimentos escavados foi possível exumar diversos materiais cerâmicos genericamente enquadráveis no Bronze Final, como por exemplo um conjunto de três taças de carena alta (Fig. 12), com paralelos noutros sítios semelhantes onde inclusivamente foi possível apurar datações de modo mais rigoroso (Santos *et al.*, 2008). Mais uma vez destaca-se o facto das cronologias apontadas revelarem uma certa antiguidade dentro deste período, sendo mais correcto inserir este sítio numa fase transitória entre o Bronze Médio e o Bronze Final.

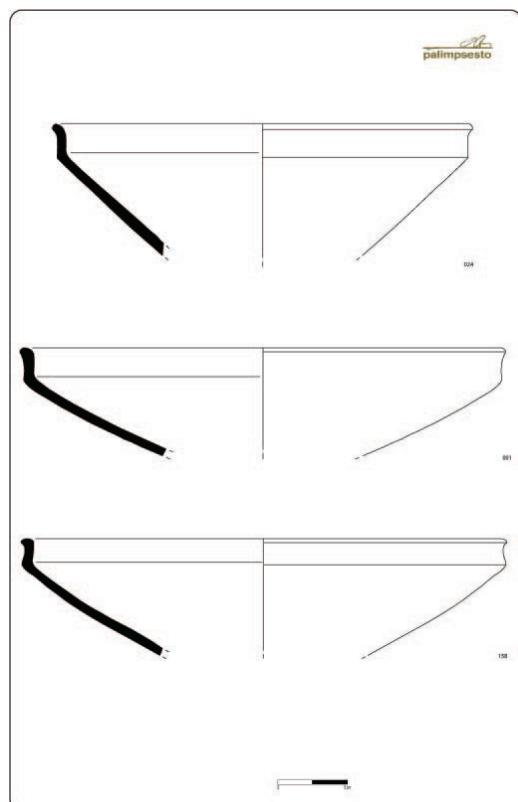


Fig. 12 – Arroteia 6. Taças carenadas.

Pelas suas características e cronologia, Arroteia 6 surge-nos como uma forte hipótese de integrar a rede de povoamento do território fomentada a partir do Outeiro

do Circo, com o qual manteria uma relação seguramente próxima.

NOVAS PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO

O conhecimento generalizado de um vasto território envolvente ao Outeiro do Circo gera diversas expectativas relativas à investigação da Idade do Bronze regional, nomeadamente no que diz respeito à evolução das formas de povoamento ao longo do II e I milénios a. C.

Numa óptica de análise futura, potenciada pela divulgação dos contextos recentemente intervencionados e pela forte possibilidade da identificação de novos sítios que possam integrar esta pesquisa, detectamos três momentos chave para a compreensão deste fenômeno, traçando paralelismos com outras regiões.

Um primeiro momento é constituído pelo Bronze Médio, período para o qual já possuímos alguns dados relevantes neste território como se comprova pela presença de dois importantes núcleos de necrópoles de cistas, aos quais há que juntar agora as várias dezenas de povoados abertos de fossas recentemente detectados. Recordemos que até há poucos anos eram extremamente raros os indícios de existência de

povoados do Bronze Médio no interior do Sudoeste português (Silva, 2008), contrastando com o litoral alentejano onde já haviam sido detectados alguns povoados junto a necrópoles de cistas (Silva e Soares, 1981)

A intensidade de ocupação deste período parece demonstrar o início de uma forte estruturação do território sendo necessário compreender se o Outeiro do Circo começa a assumir um papel de relevo neste processo ao longo do Bronze Médio (Serra e Porfírio, no prelo), materializando-se um povoamento de altura que dá início a um sistema de lugares com diferenciação e hierarquia de funções (Parreira, 1998: 270).

Apesar da escassez de paralelos para este fenômeno no actual território do Sudoeste português, podemos observar os dados proporcionados por outros locais próximos, como na região da Extremadura espanhola onde o Castillo de El Alange nos surge como um bom exemplo da existência de povoamento de altura no Bronze Médio, ao mesmo tempo que possui

evidentes relações com ocupações coivas nas planícies envolventes, como atestado na presença da necrópole de Las Minitas (Pavón Soldevila, 1998; Pavón Soldevila, 2008).

Naturalmente apenas a realização de escavações em área no Outeiro do Circo poderá ajudar a confirmar esta hipótese.

Um segundo momento corresponde ao Bronze Final e à comprovação de um eventual fenómeno de consolidação do território justificado pela emergência do povoado do Outeiro do Circo.

Um dos grandes óbices a esta hipótese prende-se com o facto de até ao momento existirem escassos dados de ocupação de planície claramente contemporâneas do Outeiro do Circo, com raras excepções, como o já mencionado sítio de Arroteia 6 e outros povoados abertos nas regiões de Beringel e Trigaches onde coexistem com ocupações do Bronze Médio (Antunes et al., 2012).

Poderemos estar perante situações distintas, existindo por um lado uma concentração de povoamento centrada no Outeiro do Circo, o que ajudaria a perceber a sua vasta dimensão, em detrimento da ocupação de planície que constituiu o elemento estrutural do território no período anterior, ou por outro lado, podemos estar a assistir a uma ocupação dos mesmos espaços (em continuidade ou com reocupações após breves hiatos) através das mesmas estratégias, o que poderá tornar difícil o reconhecimento da cultura material, onde rareiam os tipos distintivos de ambos os períodos.

Torna-se necessário o estudo exaustivo dos contextos documentados nas ocupações de planície,

de modo a distinguir de forma mais clara as diversas ocupações existentes nestes povoados e estabelecer as eventuais relações de contemporaneidade que possam existir com as fases de ocupação documentadas no Outeiro do Circo.

Noutras regiões próximas parece haver relações evidentes entre um povoamento fortificado em altura e as ocupações de planície, como apontado para as zonas de Évora/Reguengos e Serpa (Antunes et al., 2012), o que nos faz acreditar numa situação semelhante na área de estudo considerada.

Por fim, um último momento, equivalente ao Bronze Final/Ferro Inicial, parece indicar o fim deste sistema de povoamento, marcando o seu colapso.

Não existem dados seguros até ao momento que comprovem uma ocupação da Idade do Ferro no Outeiro do Circo, mas podemos comparar a situação de outros povoados fortificados contemporâneos, como o Passo Alto (Serpa) e o Castro de Ratinhos (Moura), onde se documentam fases finais de ocupação centradas entre os séculos VII e VI a. C. (Soares et al., 2009; Berrocal-Rangel e Silva, 2010).

Um dado inegável é a ocupação de planície deste período comprovada na recente descoberta de diversas necrópoles a cerca de 3/4 km a Norte e Nordeste do Outeiro do Circo que apresentam características relacionadas com uma nova realidade (Santos et al., 2009). Resta saber se estas ainda correspondem aos últimos momentos de ocupação no Outeiro do Circo, ou se por outro lado anunciam o início de um novo paradigma para o povoamento da região.

AGRADECIMENTOS

José Luís Madeira pelo tratamento do mapa da figura 1.

Valdemar Canhão pela informação referente aos sítios da Idade do Bronze intervencionados no quadro de actuação da EDIA.

Lídia Baptista pela informação referente aos sítios de fossas intervencionados pela Arqueologia e Património, Lda. nas regiões de Beringel e Trigaches no quadro do

Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva.

Ana Osório pela informação referente aos materiais cerâmicos e às análises conducentes à interpretação da funcionalidade da estrutura em barro cozido.

Ao Eng.º Monge Soares pelas informações preliminares relativas ao espólio metálico, nomeadamente no que se refere à identificação do provável cone de fundição.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, A.S., DEUS, M., SOARES, A. M., SANTOS, F., ARÊZ, L., DEWULF, J., BAPTISTA, L. e OLIVEIRA, L. (2012) – Povoados abertos do Bronze Final no Médio Guadiana, *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final, Anejos de AEspA LXII*, Mérida, pp. 277-308.
- ARNAUD, J. M. (1992) – Nota sobre uma necrópole do Bronze II do Sudoeste dos arredores de Ervidel (Aljustrel). *Vipasca. Aljustrel*. N.º 1, pp. 9-17.
- AZEVEDO, P. A. de (1896) – Extractos arqueológicos das Memórias Parochiaes de 1758. *O Archeologo Português*. Lisboa. N.º 2, série 1, p. 307.
- AZEVEDO, P. A. de (1897) – Extractos arqueológicos das Memórias Parochiaes de 1758. *O Archeologo Português*. Lisboa. N.º 3, série 1, p. 220.
- AZEVEDO, P. A. de (1900) – Extractos arqueológicos das Memórias Parochiaes de 1758. *O Archeologo Português*. Lisboa. N.º 5, série 1, p. 299.
- BAPTISTA, L. (2010) – The Late Prehistory of the watershed of the Ribeiras of Pisão and Álamo (Beja, South Portugal: a research programme. *Journal of Iberian Archaeology*, Porto. Vol. 13, pp. 69-84.
- BERROCAL-RANGEL, L. e SILVA, A. C. (2010) – O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007. *O Arqueólogo Português – Suplemento 6*. Lisboa.
- BLANCE, B. (1964) – The argaric Bronze Age in Iberia. *Revista de Guimarães*. Guimarães. Vol. 74, pp. 130-142.
- BOTTAINI, C., SERRA, M. e PORFÍRIO, E. (2012), Metais da Idade do Bronze do Museu de Beja. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Novembro 2010. Almodôvar
- CARDOSO, J.C. (1965) – Os Solos de Portugal, sua Classificação, Caracterização e Génese. I- A Sul do Rio Tejo. Secretaria de Estado da Agricultura. Lisboa.
- COELHO, L. (1975) – Nueva estela insculturada proveniente del Baixo Alentejo (Ervidel, Portugal). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. N.º 32, pp. 195-197.
- DOMERGUE, C. (1987) – Catalogue des mines et des fonderies antiques de la Péninsule Ibérique. *Série Archeologie*. N.º VIII. Tome II. Publicaciones de la Casa de Velázquez. Madrid.
- DOMERGUE C. (1990) – Les mines de la Penínsule Ibérique dans l'antiquité romaine. *Collection de l'École Française de Rome*. N.º 127. Roma.
- DUQUE, J. (2005) – *Hidrogeologia do Sistema Aquífero dos Gabros de Beja*. Tese de dissertação de Doutoramento em Geologia, especialidade em Hidrogeologia, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Departamento de Geologia. Lisboa.
- GAMITO, T. J. (1986), Espetos de bronze do Sudoeste Peninsular – sua interpretação sócio-ideológica. *Conimbriga*. Coimbra. N.º 25, pp. 23-39.
- GOMES, M. V. e MONTEIRO, J. P. (1976/77) – As estelas decoradas da Herdade do Pomar (Ervidel – Beja) – Estudo comparado. *Setúbal Arqueológico*. Setúbal. N.º 2-3, pp. 281-344.
- GOMES, M. V. e MONTEIRO, J. P. (1977) – Las estelas decoradas de Pomar (Beja – Aljustrel) – Estudio comparado. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. Vol. 34, pp. 165-214.
- GOMES, M. V. e MONTEIRO, J. P. (1977/78) – Escavações. Distrito de Beja – Aljustrel. *Informação Arqueológica*. Braga. N.º 1, p. 26.
- GOMES, M. V. (1995) – As denominadas “Estelas Alentejanas”. *A Idade do Bronze em Portugal – Discursos de Poder*. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa, p. 135.
- GOMES, M. V. (2006) – Estelas funerárias da Idade do Bronze Médio do Sudoeste Peninsular – a iconografia do poder. *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias*, Museu Nacional de Arqueologia, 16-18 Maio de 2005 (suplemento de *O Arqueólogo Português* 3). Lisboa, pp. 47-62.
- LAUTENSACH, H. (1967) – *Geografía de España y Portugal*. Vicens-Vives. Barcelona
- OSÓRIO, A., SERRA, M. e PORFÍRIO, E. (no prelo) – Material questions over a reddish layer in the Outeiro do Circo's wall slope (Beja, Portugal). Poster apresentado nas *IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*, 11 a 13 de Maio de 2011. Núcleo de Arqueologia e Paleoecologia. Universidade do Algarve. Faro.
- PAÇO, A., RIBEIRO, F. N. e FRANCO, G. L. (1965) – Subsídios para o estudo da cultura Argárica no Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. Vol. 22, pp. 149-156.
- PARREIRA, R. (1977) – O povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo (Beringel/Beja). *Arquivo de Beja*. Beja. Vols. 28-32, p. 31-45.
- PARREIRA, R. (1982) – Elementos para um inventário de estações arqueológicas: prospecção e reconhecimento – Distrito de Beja: Beja, Ferreira do Alentejo. *Informação Arqueológica*. Lisboa. N.º 2, pp. 6-10.
- PARREIRA R. (1995) – Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior. *A Idade do Bronze em Portugal – Discursos de Poder*. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa, pp. 131-134.
- PARREIRA, R. (1998) – As arquitecturas como factor de construção da paisagem do Alentejo Interior, *Existe uma Idade do Bronze Atlântico*, *Trabalhos de Arqueologia*. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa. N.º 10, pp. 267 – 273
- PARREIRA R. e SOARES, A. M. (1980) – Zu einigen bronzezeitlichen Hohnsiedlungen in Sudportugal. *Madridrer Mitteilungen*. Madrid. N.º 21, pp. 109-130.

V ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO SUDOESTE PENINSULAR

- PAVÓN SOLDEVILA, I. (1998) – El Cerro del Castillo de Alange (Badajoz). Intervenciones arqueológicas (1993). *Memorias de Arqueología Extremeña*. Junta de Extremadura. Mérida. N.º 1.
- PAVÓN SOLDEVILA, I. (2008) – El mundo funerario de la Edad del Bronce en la Tierra de Barros: una aproximación desde la Bioarqueología de Las Minitas. *Memorias de Arqueología Extremeña*. Junta de Extremadura. Mérida. N.º 9.
- PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (2012 – Arroteia 6 (Mombeja, Beja) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. *Actas do V Encontro de Arqueología do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar, pp. 615-630,
- RIBEIRO, F. N. (1959) – Três vasos de tipo Argárico de Santa Vitória. *I Congresso Nacional de Arqueologia, Actas e Memórias*. Lisboa. Vol. 1, pp. 443-447.
- RIBEIRO, F. N. (1965) – *O Bronze Meridional Português*. Beja
- RIBEIRO, F. N. (1966/67) – Noticiário Arqueológico Regional. *Arquivo de Beja*. Beja. Vol. 23/24, pp. 382-389.
- RIBEIRO, O. e LAUTENSACH, H. (1998) – *Geografia de Portugal*. Edições João Sá da Costa, Lisboa. Vol. 4, 4ª Edição.
- RODERO OLIVARES, V. (2005) – Poblados fortificados del Suroeste Peninsular en el Período Orientalizante. RUIBAL, A. (ed.), *III Congreso de Castellología Ibérica*, Guadalajara. pp. 163-189.
- SANTOS, F., ARÉZ; L., SOARES; A. M., DEUS, M., QUEIROZ; P., VALÉRIO, P., RODRIGUES, Z., ANTUNES, A., ARAÚJO, M. F. (2008) – O Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora): um sítio de fossas “silo” do Bronze Pleno/Final na encosta do Albardão. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 11, n.º 2, pp. 55-86.
- SANTOS, F., ANTUNES, A., GRILLO, C. e DEUS, M. (2009) – A necrópole da I Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência no Baixo Alentejo. PERÉZ, J. A e ROMERO, E (eds.). *Actas do IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Ediciones Universidad de Huelva, Huelva, pp. 746-804.
- SCHUBART, H. (1974) – Novos achados sepulcrais do Bronze do Sudoeste II. *Actas das II Jornadas Arqueológicas*. Lisboa. Vol. II, pp. 65-86.
- SCHUBART, H. (1975a) – *Die Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel*, Madrider Forschungen, Berlin, 91
- SCHUBART, H. (1975b) – *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel*, Madrider Forschungen, Berlin, Walter de Gruyter & Co.
- SERRA, M. e PORFÍRIO, E. (no prelo) – O povoado do Bronze Final do Outeiro do Circo (Mombeja, Beja). Balanço de 2 anos de investigação. *IIº Encontro de Jovens Investigadores*. Universidade do Porto. CEAUCP/CAM. 9, 10 de Abril de 2010.
- SERRA, M., PORFÍRIO, E.. e ORTIZ, R. (2008) – O Bronze Final no Sul de Portugal – Um ponto de partida para o estudo do povoado do Outeiro do Circo. *Vipasca. Aljustrel*. N.º 2, 2ª Série, pp. 163-170.
- SILBERT, Albert (1978), *Le Portugal Méditerranée à la Fin de l'Ancien Régime, XVIII et début du XIX Siècle: Contribuição à l'Histoire Agraire Comparée*. Instituto Nacional de Investigações Científicas (3 vols.). 2ª Edição. Lisboa.
- SILVA, A. C. e PINTO, C. V. (s/d), *Necrópole de Evidel (Canal do Roxo)*, documento policopiado, IPPC, Évora
- SILVA, C. T. e SOARES, J. (2008) – A ocupação da Idade do Bronze da Quinta da Fidalga. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 11, n.º 2, pp. 87-106.
- SILVA, C. T. e SOARES, J. (1981) – *Pré-História da Área de Sines*, Gabinete da Área de Sines, Lisboa.
- SOARES, A. M. (2003) – Passo Alto: uma fortificação única do Bronze Final do Sudoeste. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 6.2, pp. 293-312.
- SOARES, A. M., ANTUNES, A., QUEIROZ, P., DEUS, M., SOARES, R. M. e VALÉRIO, P. (2009) – A ocupação sidérica do Passo Alto (Vila Verde de Ficalho, Serpa). PERÉZ, J. A e ROMERO, E (eds.). *Actas do IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Ediciones Universidad de Huelva, Huelva, pp. 544-575.
- TARRADEL, M. (1955) – El problema de las diversas áreas culturales de la Península Ibérica en la Edad del Bronce. *Miscelânea en Homenaje al Abade Henri Breuil*. Barcelona, Tomo II, pp. 423-430.
- VASCONCELLOS, J. L. (1906) – Estudos sobre a época do bronze em Portugal. *O Archeólogo Português*. Lisboa. Vol. 11, Série 1, pp. 179-189.
- VASCONCELLOS, J. L. (1920), *História do Museu Etnológico Português*, Lisboa.
- VASCONCELLOS J. L. (1927/29) – Estudos da época do bronze em Portugal. *O Archeólogo Português*. Lisboa. Vol. 28, Série 1, pp. 201-203.
- VEIGA, E. (1891) – *Antiguidades Monumentais do Algarve*. IV. Imprensa Nacional. Lisboa.
- VIANA A. (1944) – Museu Regional de Beja: Ferragens artísticas, esculturas de osso, proto-históricas, machados da idade do bronze, ferragens romanas, jóias de ouro, fivelas, amuletos e outros objectos. *Arquivo de Beja*. Beja. Vol. 1, pp. 155-166.
- VIANA, A. (1945) – Museu Regional de Beja: alguns objectos da Idade do Bronze, do Ferro e da Época Romana, Cerâmica argárica, Cerâmica árabe. *Arquivo de Beja*. Beja. Vol. 2, pp. 309-339.
- VIANA, A. (1947) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. Vol. 4, pp. 3-39.
- VIANA, A. (1949), Beringel (Notas Monográficas). *Arquivo de Beja*. Beja. Vol. 6, pp. 153-185.
- VIANA, A. (1954) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. Vol. 11, pp. 3-31.
- VIANA, A. (1958), Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. Vol. 15, pp. 3-56
- VIANA A. e RIBEIRO, F. N. (1956) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. Vol. 13, pp. 110-167.